



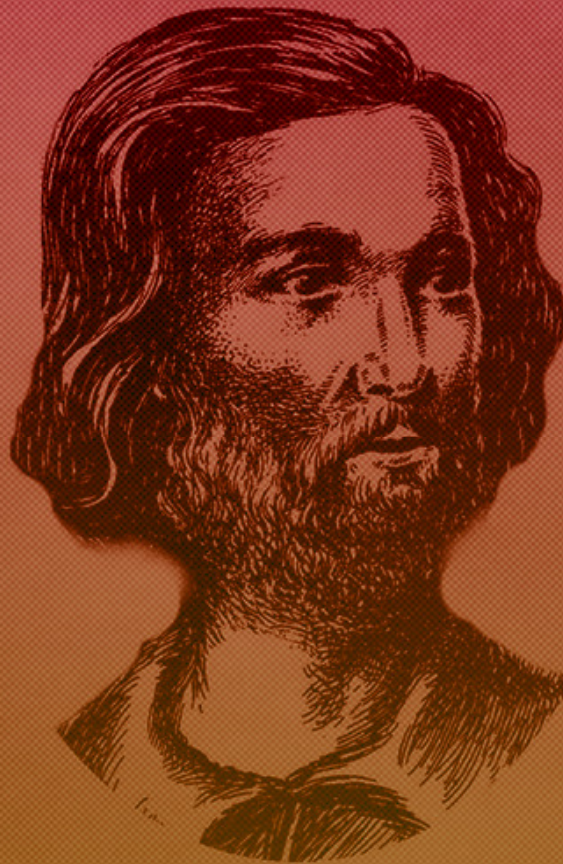
Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Gil Vicente

Auto da Barca do Inferno



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Auto da Barca do Inferno

Gil Vicente

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do ano de 1516.

Livro Digital nº 269 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AUTO DA BARCA DO INFERNO



FIGURAS:

ANJO

DIABO

COMPANHEIRO DO DIABO

FIDALGO

ONZENEIRO

PARVO

SAPATEIRO

FRADE

BRÍSIDA VAZ (alcoviteira)

JUDEU

CORREGEDOR

PROCURADOR

ENFORCADO

QUATRO CAVALEIROS

Auto de moralidade composto por contemplação da sereníssima e muito católica rainha Leonor, nossa senhora, e representado por seu mandado ao poderoso príncipe e mui alto rei Manuel, primeiro de Portugal, deste nome.

Começa a declaração e argumento da obra. Primeiramente, no presente auto, se afigura que, no ponto que acabamos de espirar, chegamos subitamente a um rio, o qual per força havemos de passar em um de dois batéis que estão atracados naquele porto. Um deles passa pera o paraíso e o outro pera o inferno. Os tais batéis possuem cada um seu barqueiro na proa: o do paraíso um anjo, e o do inferno um barqueiro infernal e um companheiro.

O primeiro interlocutor é um Fidalgo que chega com um pajem, que lhe leva um manto muito comprido e uma cadeira de espaldas. E começa o barqueiro do Inferno antes que o Fidalgo chegue.

DIABO (*dirigindo-se ao companheiro*)

À barca, à barca, venham lá!

Que temos gentil maré!

Ora põe o barco à ré!

COMPANHEIRO

Está feito, está feito!

DIABO

Bem feito está!

Vai agora, em má hora,

Esticar aquela corda

E desocupar aquele banco,

Para a gente que virá.

À barca, à barca, uuh!

Depressinha, que se quer ir!

Oh, que tempo para partir,

Louvores a Belzebu!

Mas então! que fazes tu?

Limpa todo aquele leito!

COMPANHEIRO

Em boa hora! Feito, feito!

DIABO

Abaixa-me esse rabo!

Liberta aquela poja

E afrouxa aquela corda.

COMPANHEIRO

Oh, vamos! içar, içar!

DIABO

Oh, que caravela esta!

Põe bandeiras, que é festa.

Vela ao alto! Âncora a pique!

Ó poderoso Dom Henrique,

Cá vindes vós? Que coisa é essa?...

(Aproxima-se o Fidalgo e, chegando à barca infernal, diz)

FIDALGO

Esta barca para onde vai,

Que assim está preparada?

DIABO

Vai para a ilha perdida,

E há de partir daqui a nada.

FIDALGO

E para lá vai a senhora?

DIABO

Sou um senhor,

Ao vosso serviço.

FIDALGO

Parece-me isto um cortiço...

DIABO

Porque a vedes daí de fora.

FIDALGO

Pois sim, e por que terra passais?

DIABO

Para o inferno, senhor.

FIDALGO

Uma terra sem sabor...

DIABO

O quê?... Mas também disso zombais?

FIDALGO

E que passageiros achais

Para tal embarcação?

DIABO

Vejo-vos eu em feição,

Para ir no nosso cais...

FIDALGO

Parece-te a ti assim!...

DIABO

Em que esperas ter guarida?

FIDALGO

Que deixo na outra vida,

Quem reze sempre por mim.

DIABO

Quem reze sempre por ti?!...

Hi, hi, hi, hi, hi, hi, hi!...

Tu que viveste a teu prazer,

Pensando aqui guarnecer

Por aqueles que lá rezam por ti?!...
Embarcai agora, embarcai!
Que haveis de ir nas traseiras
Mandai meter a cadeira,
Como também passou o vosso pai.

FIDALGO

O quê!? O quê!? O quê!?
É lá que ele está?!

DIABO

Vai ou vem! Embarcai depressa!
Pelo que em vida escolheste,
Assim cá vos contentais
E como pela morte passastes,
Tereis que passar o rio.

FIDALGO

Não há aqui outro navio?

DIABO

Não, senhor, que este preparaste,
E assim que expiraste
Me deste logo sinal.

FIDALGO

E que sinal foi esse tal?

DIABO

De que vós vos contentastes.

FIDALGO

Para a outra barca me vou.
(*Já próximo a outra barca*)

Oh da barca! Para onde is?
Oh, barqueiros! Não me ouvis?
Respondei-me! Olá! Ó!...
Por deus, aviado estou!
Quanto a isto é já pior...
Que jericocins, salvaror!
Pensam que eu sou um grou?

ANJO
Que quereis?

FIDALGO
Que me digais,
Pois morri tão sem aviso,
Se a barca do Paraíso
É esta em que navegais.

ANJO
Esta é. Que desejais?

FIDALGO
Que me deixeis embarcar.
Sou fidalgo de solar,
É bom que me recolhais.

ANJO
Não se embarca tirania,
Neste batel divinal.

FIDALGO
Não sei porque negais entrada
À minha senhoria...

ANJO

Para a vossa fantasia
Muito pequena é esta barca.

FIDALGO

Para senhor de bom nome,
Não há aqui mais cortesia?
Venha a prancha e atavio!
Levai-me desta ribeira!

ANJO

Não vindes cá a pensar
De entrar neste navio.
Aquele ali vai mais vazio.
Ali a cadeira entrará,
O rabo caberá
E todo vosso senhorio.
Ireis ali mais espaçoso,
Vossa soberba senhoria,
A pensar na vossa tirania
Contra o pobre povo queixoso.
E porque, de generoso,
Desprezaste os pequenos,
Achar-vos-ei tanto menos
Quanto mais foste soberbo.

(O Diabo grita da sua barca)

DIABO

À barca, à barca, senhores!
Oh! que maré tão de prata!
Um ventozinho que mata
E valentes remadores!

(Diz a cantar)

"Vós me vireis à mão,

À mão me vireis.”

FIDALGO

Para o Inferno, então!
O inferno será para mim?
Oh triste! Enquanto vivi
Não pensei que seria:
Pensei que era fantasia!
Pensava ser adorado,
Confiei no meu estado
E não vi que me perdia.

Venha essa prancha!
Veremos esta barca de tristeza.

DIABO

Embarque vossa doçura,
Que cá nos entenderemos...
Tomareis um par de remos,
Veremos como remais,
E, chegando ao nosso cais,
Verá como bem vos serviremos.

FIDALGO

Esperai-me vós aqui,
Voltarei à outra vida,
Para ver a minha dama querida,
Que se quer matar por mim.

DIABO

Que se quer matar por ti?!...

FIDALGO

Isto bem certo o sei eu.

DIABO

Ó namorado sandeu,
O maior que já vi!...

FIDALGO

Como poderá isso ser,
Ela que me escrevia todos os dias?

DIABO

Quantas mentiras que lias!
E tu... doido de prazer!...

FIDALGO

Para que está a escarnecer,
Se não havia quem me quisesse mais bem?

DIABO

Assim deverias viver, amém,
Como ela te havia de querer!

FIDALGO

Isso quanto ao que eu conheço...

DIABO

Pois estando tu a morrer,
Estava ela a requebrar-se,
Com outro de menos preço.

FIDALGO

Dá-me licença, te peço,
Que vá ver a minha mulher.

DIABO

E ela, se te voltar a ver,
Despenhar-se-á de um cabeçaço!
Tudo quanto ela hoje rezou,
Entre os seus gritos e gritas,
Foi a dar graças infinitas
A quem a desassombrou.

FIDALGO

Quanto ela bem chorou!

DIABO

E não há choro de alegria?

FIDALGO

E as lástimas que dizia?

DIABO

A sua mãe lhas ensinou...

Entrai, meu senhor, entrai:

Aqui está a prancha! Ponha o pé...

FIDALGO

Entremos, pois se assim é.

DIABO

Ora, senhor, descansai, passeai e suspirai.

Que entretanto virá mais gente.

FIDALGO

Ó barca, como és ardente!

Maldito quem em ti vai!

DIABO (*ao rapaz da cadeira*)

Tu não entras cá! Vai-te daqui!

Essa cadeira está cá a mais!
Coisa que esteve na igreja
Não se há de embarcar aqui.
Aqui dar-lhe-ão outras de marfim,
Mais chicotadas de dores,
Dadas com tais labores,
Que ficará fora de si...
À barca, à barca, boa gente,
Que queremos dar à vela!
É chegar a ela! É chegar a ela!
Muitos e de boa mente!
Oh! que barca tão valente!

(Surge um Onzeneiro e pergunta ao barqueiro do Inferno, dizendo)

ONZENEIRO

Para onde navegais?

DIABO

Oh! Em que má hora chegais,
Onzeneiro, meu parente!
Porque tardastes vós tanto?

ONZENEIRO

Mais ainda eu quisera tardar...
Na safra do apanhar,
Deu-me Saturno o quebranto.

DIABO

Ora muito me espanto por ver
Não vos salvar o dinheiro!...

ONZENEIRO

Nem para o barqueiro

Me deixaram ficar com algo...

DIABO

Ora então entrai, entrai aqui!

ONZENEIRO

Não hei eu de aí embarcar!

DIABO

Oh! Que gentil receber,
E que divertido para mim!...

ONZENEIRO

Ainda agora faleci!
Deixa-me escolher um batel!

DIABO

Oh São Pimentel!
Porque não irás aqui?...

ONZENEIRO

E para onde é a viagem?

DIABO

É para onde tu hás de ir.

ONZENEIRO

E vamos já partir?

DIABO

Não penses em mais linguagem.

ONZENEIRO

Mas para onde é a passagem?

DIABO

Para a infernal comarca.

ONZENEIRO

Dix! Não vou eu em tal barca.

Aquela outra tem vantagem.

(Dirige-se à barca do Anjo, e diz)

ONZENEIRO

Oh da barca! Olá! Ó!

Haveis já de partir?

ANJO

E onde queres tu ir?

ONZENEIRO

Eu, para o Paraíso vou.

ANJO

Pois quanto a mim, muito fora estou

De te levar para lá

Aquela outra barca te aceitará;

Ali vai quem enganou!

ONZENEIRO

Por quê?

ANJO

Porque esse bolsão

Ocuparia todo o navio.

ONZENEIRO

Juro a Deus que vai vazio!

ANJO

Não no teu coração.

ONZENEIRO

Lá me ficou de roldão

A minha fazenda e alheia

ANJO

Ó avareza, como és feia

E filha da maldição!

(Retorna o Onzeneiro à barca do Inferno e diz)

ONZENEIRO

Oh da barca! Oh Demo barqueiro!

Sabeis vós no que me fundo?

Quero lá voltar ao mundo

E trazer o meu dinheiro.

Aquele outro marinheiro,

Porque me viu vir sem nada,

Deu-me tanta borregada,

Como os barqueiros lá do Barreiro.

DIABO

Entra, entra! E remarás!

Não percamos mais a maré!

ONZENEIRO

Todavia...

DIABO

Por força assim é!

Como fizeste, cá entrarás!

Irás servir Satanás,
Porque sempre ele te ajudou.

ONZENEIRO
Oh triste de mim...
Quem me cegou?

DIABO
Cala-te que depois chorarás.

(Ao entrar o Onzeneiro no batel, encontra o Fidalgo embarcado e diz tirando o barrete)

ONZENEIRO
Santa Joana de Valdês!
Também está cá vossa senhoria?

FIDALGO
Dê ao demo a cortesia!

DIABO
Que ouvi? Falai vós em ser cortês!
Vós, fidalgo, que penseis?
Que estais na vossa pousada?
Dar-vos-ei tanta pancada
Como a um remo que renegueis!

(Vem Joane, o Parvo, e diz ao barqueiro do Inferno)

PARVO
Oh desta!

DIABO
Quem é?

PARVO

Eu sou.

É esta a nossa naviarra?

DIABO

De quem?

PARVO

Dos tolos.

DIABO

Ah! Vossa. Entra!

PARVO

De pulo ou de voo?

Oh! Pelo pesar do meu avô!

Resumindo: Vim a adoecer

E em má hora fui morrer,

E nela, para mim só.

DIABO

E de que morreste?

PARVO

De quê?

Acho que de caganeira.

DIABO

De quê!?

PARVO

De caga merdeira!

Que má rabugem que te dê!

DIABO

Entra! Põe aqui o pé!

PARVO

Ó pá! Que não tombe o zambuco!

DIABO

Entra, tolo eunuco,
Que nos vai embora a maré!

PARVO

Aguardai, aguardai um pouco!
E aonde havemos nós de ir ter?

DIABO

Ao porto de Lúcifer.

PARVO

Ha-a-a?...

DIABO

Ao Inferno! Entra cá!

PARVO

Ao Inferno?... Espera lá...
Ui! Ui! É a Barca do cornudo!!!
Pêro de Vinagre! Beiçudo,
Lenhador de Alverca, uh, uh!
Sapateiro da Candosa!
Entrecosto de carrapato!
Ui! Ui! Caga no sapato,
Filho de uma grande aleivosa!
A tua mulher é tinhosa

E há de parir um sapo,
Achatado num guardanapo!
Neto de uma cagosa!
Ladrão de cebolas! Ui! Ui!
Excomungado das igrejas!
Burrelas, cornudo sejas!
Toma o pão que te caiu!
A mulher que te fugiu,
Para Ilha da Madeira!
Cornudo até à mangueira,
Toma o pão que te caiu!

Uh! Uh! Lanço-te uma pulha!
Toma, toma! Pica naquela!
Hump! Hump! Caga na vela!
Cabeça de grulha!
Perna de cigarra velha,
Caganita de coelha,
Pelourinho da Pampulha!
Mija na agulha, mija na agulha!

(Chega o Parvo ao batel do Anjo diz)

PARVO
Oh da barca!

ANJO
Que me queres?

PARVO
Queres-me passar além?

ANJO
Quem és tu?

PARVO

Talvez alguém.

ANJO

Tu passarás, se quiseres;
Porque em todas os teus afazeres,
Por malícia não erraste.
Da tua simpleza te bastastes,
Para gozar dos prazeres.

Espera no entanto aí,
Veremos se vem mais alguém,
Merecedor de tal bem,
Que deva entrar aqui.

*(Vem o Sapateiro com o seu avental e carregado de formas de sapatos.
Chega ao batel infernal e diz)*

SAPATEIRO

Ó da barca!

DIABO

Quem vem aí?
Oh! Santo sapateiro honrado,
Como vens tão carregado!...

SAPATEIRO

Mandaram-me vir assim...
E para onde é a viagem?

DIABO

Para o lago dos danados.

SAPATEIRO

E os que morrem confessados,
Onde têm a sua passagem?

DIABO

Não digas tais linguagem!
Esta é a tua barca, esta!

SAPATEIRO

Renegaria eu da festa,
E da puta dessa barcagem!
Como poderá isso ser,
Sendo eu confessado e comungado?!...

DIABO

Tu morreste excomungado!
Mesmo sem o saberes.
O que esperavas depois de viver,
Fazendo dois mil engano...
Tu roubaste em trinta anos,
O povo com a tua mestria.

Embarca, esta barca é para ti,
Que há já muito que te espero!

SAPATEIRO

Pois digo-te que não quero!

DIABO

Mas hás de ir, sim, sim!

SAPATEIRO

Quantas missas eu ouvi...
Não me hão elas de agora prestar?

DIABO

Ouvir missa, depois roubar...
É caminho para aqui.

SAPATEIRO

E as esmolas que servirão?
E as horas dos finados?

DIABO

E os dinheiros mal cobrados,
Que foi da tua satisfação?

SAPATEIRO

Oh! Não brinques oh mentiroso!
Nem à puta da badana,
Se é esta traquitana
Para ir o João Antão!

Ora juro a Deus que mete graça!

(Dirige-se à barca do Anjo e diz)

SAPATEIRO

Oh da santa caravela!
Poderás levar-me nela?

ANJO

A tua carga te embaraça.

SAPATEIRO

Não há caridade que Deus me faça?
Isto em qualquer lugar irá?

ANJO

Aquela barca que ali está
Leva quem rouba de praça.
Oh almas embaraçadas!

SAPATEIRO

Ora muito eu me maravilho,
Por terdes por grão peguilho,
Quatro forminhas cagadas,
Que podem bem ir aí aconchegadas
Aí num cantinho dessa barca!

ANJO

Se tivesses vivido direito,
Elas eram cá escusadas.

SAPATEIRO

Então determinais,
Que eu vá cozer ao Inferno?

ANJO

Escrito estás no caderno
Das ementas infernais.

O sapateiro volta à barca dos danados, e diz:

SAPATEIRO

Oh barqueiros! Que aguardais?
Vamos, venha prancha logo
E levai-me àquele fogo!
Não nos detenhamos mais!

(Vem um Frade com uma rapariga pela mão, um escudo e uma espada na outra e um capacete debaixo do capuz. E ele mesmo fazendo uma vênia, começa a dançar, cantando)

FRADE

Tai-rai-rai-ra-rã; ta-ri-ri-rã;
ta-rai-rai-rai-rã; tai-ri-ri-rã:
tã-tã; ta-ri-rim-rim-rã. Huhá!

DIABO

Que é isso, padre?! Quem vem lá?

FRADE

Deo gratias! Sou cortesão.

DIABO

Sabes também o tordião?

FRADE

Pois então! Ora, se não sei!

DIABO

Pois entrai! Eu tocarei
E faremos um serão.
Essa dama, é vossa?

FRADE

Por minha, eu a tenho,
E sempre a tive como minha.

DIABO

Fizestes bem, que é formosa!
Mas não vos punham lá grossa
No vosso convento santo?

FRADE

Eles lá fazem outro tanto!

DIABO

Que coisa tão preciosa...

Entrai, padre reverendo!

FRADE

E para onde levais a gente?

DIABO

Para aquele fogo ardente,

Que não temestes vivendo.

FRADE

Juro a Deus que não te entendo!

E este hábito, de nada vale?

DIABO

Gentil padre mundanal,

A Belzebu vos encomendo!

FRADE

Corpo de Deus consagrado!

Pela fé de Jesus Cristo,

Que eu não posso entender isto!

Hei de eu ser condenado?!...

Um padre tão enamorado

E tanto dado à virtude?

Assim Deus me dê saúde,

Que eu estou muito admirado!

DIABO

Não penses em mais detença.

Embarcai e partiremos:
Tomareis um par de ramos.

FRADE
Não ficou isso em avença.

DIABO
Pois dada está já a sentença!

FRADE
Por Deus! Essa é que era ela!
Não vai em tal caravela
A minha senhora Florença.
Como assim? Só por ser namorado,
E folgar com uma mulher,
Há de um frade de se perder,
Com tanto salmo rezado?!...

DIABO
Ora estás bem aviado!

FRADE
Direi eu, bem corrigido!

DIABO
Devoto padre marido,
Haveis de cá pingado...

(O Frade descobre a cabeça, tirando o capuz, apareceu-lhe o capacete, e diz)

FRADE
Mantenha Deus esta coroa!

DIABO

Ó padre Frei Capacete!
Isso mais parece um barrete...

FRADE

Sabeis é da ordem!
A espada é ordinária
E este escudo reles

DIABO

Dê Vossa Reverência lição
De esgrima, que é coisa boa!

(Começou o Frade a dar lição de esgrima com a espada e o escudo e diz assim)

FRADE

Deo gratias! Damos caçada!
Para sempre, contra uns!
Um fendente! ora pois!

Esta é a primeira levada.
Alto! Levantai a espada!
Uma estocada, e um revés!
E depressa recolher os pés,
Que todo o cuidado é pouco!
Quando o recolher se tarda
O ferir não é prudente.
Ora, então! Muito depressa,
Cortai na segunda guarda!
Guarde-me Deus da espingarda
E do homem ousado.
Aqui estou tão bem guardado
Como uma palha na albarda.

Fico com meia espada...
Hou-lá! Protegei as queixadas!

DIABO

Oh que valentes levadas!

FRADE

Isto ainda não é nada...
Damos outra vez caçada!
Contra uns mais um fendente,
E, cortando com destreza,
Eis aqui a sexto feitada.

Daqui saio com uma guia
E um revés da primeira:
Esta é o quinta verdadeira.
Oh! Quantos assim eu ferial...
Um padre que tal aprendia,
No Inferno há de ter pingos?!...
Ah! Não se preza a São Domingos
Com tanta descortesia!
(Tornou a tomar a Moça pela mão, dizendo)

Vamos à barca da Glória!

(Começou o Frade a fazer o tordião e foram os dois dançando até o batel do Anjo desta maneira)

Ta-ra-ra-rai-rã; ta-ri-ri-ri-rã;
rai-rai-rã; ta-ri-ri-rã; ta-ri-ri-rã.

Huhá!

Deo gratias! Há lugar cá
Para minha reverência?
E a senhora Florença
Também entrará cá!

PARVO

Andor daqui para fora!
Roubaste o trinchão, frade?

FRADE
Senhora, dá-me a vontade
Que este feito mal está.

Vamos para onde havemos de ir!
Não se praza Deus com a ribeira!
E não vejo aqui maneira
Senão, enfim... concludir.

DIABO
Haveis, padre, de vir.

FRADE
Agasalhai-me lá a Florença,
E cumpra-se essa sentença.
Apressemos-nos a partir.

(Assim que o Frade embarcou, veio uma Alcoviteira, de nome Brízida Vaz, a qual, chegando à barca infernal, diz assim)

BRÍZIDA
Ó da barca, ó lá!

DIABO
Quem chama?

BRÍZIDA
Brízida Vaz.

DIABO *(dirigindo-se ao companheiro)*
Mas o que espera ela, rapaz?

Porque não entra ela já?

Companheiro
Diz que não há de entrar cá
Sem a Joana de Valdês.

DIABO
Entrai vós e remai.

BRÍZIDA
Eu não quero aí entrar.

DIABO
Que saboroso recear!

BRÍZIDA
Não é essa barca que eu procuro.

DIABO
Não trazes vós muitos fatos?

BRÍZIDA
O que me convém levar.

DIABO
E o que tens para embarcar?

BRÍZIDA
Seiscentos virgos postiços
E três arcas de feitiços
Que não podem mais levar.

Três armários de mentir,
E cinco cofres de enleios.

E alguns furtos alheios,
Como joias de vestir,
Guarda-roupa de encobrir,
Enfim... – casa movediça;
E um estrado de cortiça
Com dois coxins de cobrir.
A maior carga era,
Essas moças que vendia.
Dessa mercadoria,
Trago eu muita boa fé!

DIABO

Ora ponde aqui o pé...

BRÍZIDA

Ui! E vou é para o Paraíso!

DIABO

E quem te disse a ti isso?

BRÍZIDA

Hei de lá ir nessa maré!

Eu sou uma mártir tal!...

Açoites tenho levado,

E tormentos suportado,

Que ninguém me foi igual.

Se eu fosse para o fogo infernal,

Lá iria todo o mundo!

À outra barca, lá ao fundo,

Me vou, que é mais real.

(Chegando à Barca da Glória diz ao Anjo)

Barqueiro, mano dos meus olhos,

Deita a prancha a Brízida Vaz.

ANJO

Eu não sei quem te cá traz...

BRÍZIDA

Peço-o de joelhos!
Pensais que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa?
Eu sou aquela preciosa
Que dava as moças aos molhos,
A que criava as meninas
Para os cônegos da Sé...
Passai-me, por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olho de perlinha fina!
Eu sou apostolada,
Angelada e maritizada
E fiz coisas muito divinas.

Santa Úrsula não converteu
Tantas raparigas como eu!
Todas salvas por mim
E nenhuma se perdeu.
E graças "Àquele do Céu"
Que todas acharam dono.
Pensais que dormia sono?
Nem ponto se me perdeu!

ANJO

Ora, vai além embarcar,
Ali não estarás a importunar.

BRÍZIDA

Pois estou-vos eu contar
O porque me haveis de levar.

ANJO

Não penses em importunar,
Que não podes vir aqui.

BRÍZIDA

E que má hora eu servi,
Pois não me há de aproveitar!...
(Volta Brízida Vaz à Barca do Inferno, dizendo)
Ó barqueiros da má hora,
Venha a prancha, pois aqui me vou.
Já há muito que aqui estou,
E pareço mal estar cá fora.

DIABO

Ora entrai, minha senhora,
E sereis bem recebida;
Se vivestes santa vida,
Vós o sentireis agora...

*(Assim que Brízida Vaz embarcou, veio um Judeu, com um bode às costas;
e, chegando ao batel dos condenados, diz)*

JUDEU

Quem aí vai? Ó marinheiro!

DIABO

Oh! Em que má hora vieste!...

JUDEU

De quem é esta barca que preste?

DIABO

Esta barca é do barqueiro.

JUDEU

Passai-me que vos pago em dinheiro.

DIABO

E o bode há cá vir?

JUDEU

Pois também o bode há de ir.

DIABO

Que escusado passageiro!

JUDEU

Sem bode, como passarei?

DIABO

Eu não passo cabrões.

JUDEU

Eis aqui quatro tostões,
E mais vos pagarei.
Pela vida do Semifará
Peço-vos me passeis o cabrão!
Quereis mais outro tostão?

DIABO

Nem tu nem ele hão de vir cá.

JUDEU

Porque não irá o judeu
Onde vai Brízida Vaz?
E o senhor meirinho consente?
Ó senhor meirinho, não irei eu?

DIABO

E o fidalgo, que lhe importa...

JUDEU

Não manda ele este batel?

Corregedor, coronel,

Castigai este sandeu!

Azará, pedra miúda,

Lodo, charco, fogo, lenha,

Caganeira que te venha!

Má diarreia que te acuda!

Por Deus, que te sacuda

Com a beca nos focinhos!

Fazes gozo dos meirinhos?

Diz, filho da cornuda!

PARVO

Roubaste a cabra, cabrão?

Parece-me vós, a mim,

Um gafanhoto de Almeirim

Chacinado num seirão.

DIABO

Judeu, ali te passarão,

Porque vão mais despejados.

PARVO

Ele mijou nos finados

Na igreja de São Gião!

E comia a carne da panela

No dia de Nosso Senhor!

Goza com o salvador,

E mija na caravela!

DIABO

Vamos, vamos! Demos à vela!

E vós, Judeu, ireis à toa,

Que sois muito ruim pessoa.

Levai o cabrão na trela!

(Vem um Corregedor, carregado de autos e processos, e, chegando à barca do Inferno, com sua vara na mão, diz)

CORREGEDOR

Ó da barca!

DIABO

Que quereis?

CORREGEDOR

Está aqui o senhor juiz?

DIABO

Oh amante de perdiz,

Que gentil carga trazeis!

CORREGEDOR

Pela minha aparência perceberéis

Que não é ela do meu jeito.

DIABO

Como vai lá o direito?

CORREGEDOR

Nestes autos, o vereis.

DIABO

Ora, pois, entrai. Veremos,

O que diz aí nesse papel...

CORREGEDOR

E onde vai o batel?

DIABO

No Inferno vos poremos.

CORREGEDOR

Como? À terra dos demos,
Há de ir um corregedor?

DIABO

Santo descorregedor,
Embarcai, e remaremos!
Ora, entrai, já que viestes!

CORREGEDOR

Non est de regulae juris, não!

DIABO

Ita, Ita! Sim, sim. Dai cá a mão!
Remaremos um remo destes.
Fazei conta que nascestes
Para ser nosso companheiro.
(*Dirigindo-se ao companheiro diabrete*)
Que fazes tu, preguiçoso?
Estende essa prancha. Prestes!

CORREGEDOR

Oh! Renego da viagem
E de quem me há de levar!
Há aqui meirinho do mar?

DIABO

Não há tal costume.

CORREGEDOR

Não entendo esta barcagem,

Nem hoc nom potest esse.

DIABO

Ora se vos parecesse,

Que não sei mais dessa linguagem...

Entraí, entraí, corregedor!

CORREGEDOR

Oh! *Videtis qui petatis*

Super jure magestatis

Tem o vosso mando vigor?

DIABO

Quando éreis ouvidor

Nonne accepistis rapina?

Pois ireis agora à bolina

Onde a nossa pessoa for...

Oh! E que isca é esse papel

Para um fogo que eu cá sei!

CORREGEDOR

Domine, memento mei!

DIABO

Non es tempus, bacharel!

Imbarquemini in batel

Quia Judicastis malitia.

CORREGEDOR

Sempre ego justitia fecit, e bem por nível.

DIABO

E as peitas dos judeus
Que a vossa mulher levava?

CORREGEDOR

Isso eu não o tomava.
Eram lá percalços seus.
*Nom som peccatus meus,
Peccavit uxore mea.*

DIABO

Et vobis quoque cum ea,
A Deus não temeste.
E de grande modo enriqueceste
*Sanguinis laboratorum,
Ignorantis peccatorum.
Ut quid eos non audistis?*

CORREGEDOR

Vós, barqueiros, *nonne legistis*
Que o dinheiro quebra os penedos?
E que os direitos ficam quedos,
Sed aliquid tradidistis...

DIABO

Ora entrai, nestes negros fados!
Ireis para ao lago dos cães
E vereis os escritvães
Como estão tão ricos.

CORREGEDOR

E na terra dos danados
Estão os Evangelistas?

DIABO

Os mestres das burlas vistas
Estão lá bem fragoados.

(Estando o Corregedor nesta conversa com o Barqueiro infernal chegou um Procurador, carregado de livros, e diz o Corregedor ao Procurador)

CORREGEDOR

Ó senhor Procurador!

PROCURADOR

Beijo-vos as mãos, Juiz!
Que diz este barqueiro? Que diz?

DIABO

Que sereis bom remador.
Entrai, bacharel doutor,
E ireis a dar à bomba.

PROCURADOR

Este barqueiro zomba...
Gostais de ser gozador?
Essa gente que aí está,
Para onde a levais?

DIABO

Para as penas infernais.

PROCURADOR

Dix! Eu é que não vou para lá!
Outro navio ali está,

Muito melhor assombrado.

DIABO

Ora estás bem aviado!

Entra, em muito má hora!

CORREGEDOR

Confessastes-vos, doutor?

PROCURADOR

Bacharel sou. Não tive tempo!

Não pensei que era preciso,

Nem de morte a minha dor.

E vós, senhor Corregedor?

CORREGEDOR

Eu muito bem me confessei,

Mas tudo quanto roubei

Encobri ao confessor...

PROCURADOR

Porque, se o não tornais,

Não vos querem absolver,

E é muito mau devolver

Depois que o apanhais.

DIABO

Pois porque não embarcais?

PROCURADOR

Quia speramus in Deo.

DIABO

Imbarquemini in barco meo...

Para quê esperais mais?

(Vão-se ambos ao batel da Glória, e lá chegando, diz o Corregedor ao Anjo)

CORREGEDOR

Ó barqueiro dos gloriosos,
Passai-nos neste batel!

ANJO

Oh! Pragas para papel,
E para as almas odiosos!
Como vindes preciosos,
Sendo filhos da ciência!

CORREGEDOR

Oh! *habeatis* clemência
E passai-nos como vossos!

PARVO

Ó, homens dos breviários,
Rapinastis coelhorum
Et pernīs perdigotorum
Para além de mijar nos campanários!

CORREGEDOR

Oh! Não nos sejas contrários,
Pois não temos outra ponte!

PARVO

Beleguinis ubi sunt?
Ego latinus macairos!

ANJO

A justiça divinal

Manda-vos vir carregados
Porque têm de ser embarcados
Naquele batel infernal.

CORREGEDOR

Oh! Não atende São Marçal!
Com a ribeira, nem com o rio!
Penso que é desvario
Fazer-nos tamanho mal!

PROCURADOR

Que ribeira é esta tal!

PARVO

Pareces-me vós a mim
Como um cagado nebri,
Mandado no Sardoal.
Embarquetis in zambuquis!

CORREGEDOR

Venha a negra prancha para cá!
Vamos ver esse segredo.

PROCURADOR

Diz um texto do Degredo...

DIABO

Entrai, que cá se dirá!

(E assim que os dois entraram no batel dos condenados, disse o Corregedor para a Brízida Vaz, porque a conhecia)

CORREGEDOR

Oh! Em má hora vos vejo,

Senhora Brízida Vaz!

BRÍZIDA

Já nem aqui estou em paz,
Pois nem aqui me deixais.
Cada hora a mim sentenciada:
“Foi justiça que vós mandastes fazer...”

CORREGEDOR

E vós... volta a tecer
E a urdir outra meada.

BRÍZIDA

Diz ó, juiz da alçada:
Vem lá o Pêro de Lisboa?
Levá-lo-emos à toa
E irá também nesta barcada.

(Vem um homem que morreu Enforcado, e, chegando ao batel dos condenados, diz o barqueiro ao que chega)

DIABO

Vamos embora, enforcado!
Que diz lá o Garcia Moniz?

ENFORCADO

Eu te direi que ele diz:
Que fui bem-aventurado
Em morrer dependurado
Como o tordo na armadilha,
E diz que os feitos que eu fiz
Me fazem canonizado.

DIABO

Entra cá, e governarás
Até às portas do Inferno.

ENFORCADO

Não é essa a nau que eu quero.

DIABO

Digo-te eu que aqui irás.

ENFORCADO

Oh! Isso não, por Barrabás!
Então se Garcia Moniz dizia
Que os que morrem como eu
Ficam livres de Satanás...

E disse que Deus quisera
De ser eu enforcado;
E que fosse Deus louvado
Pois em boa hora eu nascera;
E que o Senhor me escolhera;
E que por bem vi os beleguins.
E com isto mil latins,
Muito lindos, feitos de cera.

E, no passo derradeiro,
Disse-me nos meus ouvidos
Que o lugar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro;
Nem guardião do mosteiro
Tinha tão santa gente
Como o Afonso Valente
Que é agora carcereiro.

DIABO

Dava-te consolação isso,
Ou algum esforço?

ENFORCADO

Aquele com a corda ao pescoço,
De muito pouco serve a pregação...
E apenas leva a devoção
De que há de voltar a jantar...
Mas quem há de estar no ar
Aborrece-se com o sermão.

DIABO

Entra, entra no batel,
Que ao Inferno hás de ir!

ENFORCADO

O Moniz esteve a mentir?
Disse-me que com São Miguel
Eu jantaria pão e mel
Assim que fosse enforcado.
Ora, eu já passei o meu fado,
E já feito é o burel.

Agora não sei o que é isto:
Ele não me falou ele em ribeira,
Nem em barqueiro, nem em barqueira,
Apenas no Paraíso.
Isto muito no seu juízo.
E que era santo o meu cordel...
Eu não sei que aqui faço:
Que é desta glória improviso?

DIABO

Falou-te no Purgatório?

ENFORCADO

Disse que era o Limoeiro,
E com ele o saltério
E o pregão vitatório;
E que era muito notório
Que aqueles disciplinados
Eram horas dos finados
E missas de São Gregório.

DIABO

Quero-te enganar:
Se o que tivesses aceitado,
Certo era que te salvavas.
Mas não o quiseste aceitar...
(Diz o Diabo para todos os que estão dentro do seu barco)
Alto! Todos a levantar,
Que está em seco o batel!
Alevante-se, Frei Babriel!
Ajudai ali a apanhar!

(Vêm Quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a Cruz de Cristo, pelo qual Senhor e acrescentamento de sua santa fé católica morreram a lutar contra os mouros. Absoltos a culpa e pena como privilégio que os que assim morrem têm dos mistérios da Paixão daquele por quem padecem, outorgados por todos os Presidentes Sumos Pontífices da Madre Santa Igreja. E a cantiga que assim cantavam é a seguinte)

CAVALEIROS

À barca, à barca segura,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!

Senhores que trabalhais

Pela vida transitória,
Memória, por Deus, memória
Deste temeroso cais!

À barca, à barca, mortais,
Barca bem guarnecida,
À barca, à barca da vida!

Cuidado, pecadores, que,
Depois da sepultura,
Neste rio está a ventura
De prazeres ou de dores!

À barca, à barca, senhores,
Barca muito nobrecida,
À barca, à barca da vida!

(E passando cantando à frente da proa do batel dos condenados, com suas espadas e escudos, disse o barqueiro da perdição desta maneira)

DIABO

Cavaleiros, vós passais
E não perguntais para onde ireis?

PRIMEIRO CAVALEIRO

Vós, Satanás, que presumis?
Cuidado com quem falais!

SEGUNDO CAVALEIRO

Vós que nos querereis?
Vejo que não nos conhece bem:
Nós morremos nas Partes d'Além,
E não queirais saber mais.

DIABO

Entraí cá! Que coisa é essa?
Que eu não consigo entender isso!

CAVALEIROS

Quem morre por Jesus Cristo
Não vai em tal barca como essa!

(Voltam a prosseguir, cantando, no seu caminho à barca da Glória, e, assim que chegam, diz o Anjo)

ANJO

Ó cavaleiros de Deus,
Por vós estou a esperar,
Que morrestes a lutar
Por Cristo, Senhor dos Céus!
Sois livres de todo mal,
Mártires da Santa Igreja,
Que quem morre em tal peleja
Merece a paz eternal.

(E assim embarcam)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com